Raniero Cantalamessa



De JERUSALÉM a EMAÚS...

e a volta

AVE-MARIA
EDITORA
AVE-MARIA

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da Editora Ave-Maria.

© Copyright Odos Servizi S.c.p.l. All rights reserved.
© 2020 by Editora Ave-Maria. All rights reserved.
Rua Martim Francisco, 636 – 01226-000 – São Paulo, SP – Brasil
Tel.: (11) 3823-1060
Televendas: 0800 7730 456
editorial@avemaria.com.br • comercial@avemaria.com.br
www.avemaria.com.br
ISBN: 978-85-276-xxxx-x
Tradução: Isaias Silva Pinto
Capa: Agência Arcanjo
1ª edição digital – Abril de 2020
Diretor-presidente: Luís Erlin Gomes Gordo, CMF
Diretor Administrativo: Rodrigo Godoi Fiorini, CMF
Gerente Editorial: Áliston Henrique Monte
Editor Assistente: Isaias Silva Pinto
Revisão: Édson Nakashima e Mônica da Costa
Produção Digital: Equipe Editorial Ave-Maria

Sumário

Apresentação

Introdução

Dois deles estavam a caminho

Eles o reconheceram ao partir o pão

Fala conosco, Senhor!

A Eucaristia

E eles voltaram para Jerusalém...

Apresentação

Por ocasião do *Encontro Mundial da Renovação Carismática Católica* (RCC), realizado em Rimini (Itália), em abril de 2000, o padre Raniero Cantalamessa fez uma pregação cujo tema foi "Eucaristia e caridade". Na ocasião, estavam presentes delegados do movimento de diversas partes do mundo. Sua reflexão teve início com o episódio bíblico que narra o encontro de Jesus com os discípulos de Emaús – que se viam perplexos e iludidos devido à morte do Mestre.

Com esta publicação, a Editora Ave-Maria quer que esta pérola de sabedoria ajude muitos brasileiros e brasileiras a compreender de maneira mais profunda o mistério eucarístico.

Como se trata de uma mensagem dirigida a representantes da RCC de todo o mundo, as referências à ocasião em que a pregação foi proferida foram preservadas no livro.

O mesmo se aplica ao estilo enfático e direto do autor, o qual facilita muito a leitura.

Introdução

Aproveito a ocasião para proferir esta reflexão cujo tema é "Eucaristia e caridade", extraída do episódio dos discípulos de Emaús, sobre o qual já ouvimos falar diversas vezes.

> *Nesse mesmo dia, dois discípulos caminhavam para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. Iam falando um com o outro de tudo o que se tinha passado. Enquanto iam conversando e discorrendo entre si, o mesmo Jesus aproximou-se deles e caminhava com eles. Mas os olhos estavam-lhes como que vendados e não o reconheceram. Perguntou-lhes, então: "De que estais falando pelo caminho, e por que estais tristes?". Um deles, chamado Cléofas, respondeu-lhe: "És tu acaso o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que nela aconteceu estes dias?". Perguntou-lhes ele: "Que foi?". Disseram: "A respeito de Jesus de Nazaré... Era um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo. Os nossos sumos sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse ele quem haveria de restaurar Israel e agora, além de tudo isso, é hoje o terceiro dia que essas coisas sucederam. É verdade que algumas mulheres dentre nós nos alarmaram. Elas foram ao sepulcro, antes do nascer do sol; e, não tendo achado o seu corpo, voltaram, dizendo que tiveram uma visão de anjos, os quais asseguravam que está vivo. Alguns dos nossos foram ao sepulcro e acharam-no assim como as mulheres tinham dito, mas a ele mesmo não viram". Jesus lhes disse: "Ó gente sem inteligência! Como sois tardos de coração para crerdes em tudo o que anunciaram os profetas! Porventura não era necessário que Cristo sofresse essas coisas e assim entrasse na sua glória?". E, começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras. Aproximaram-se da aldeia para onde iam, e ele fez como se quisesse passar adiante. Mas eles forçaram-no a parar: "Fica conosco, já é tarde e já declina o dia". Entrou então com eles. Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho. Então, se lhes abriram os olhos e o reconheceram... mas ele desapareceu. Diziam então um para o outro: "Não se nos abrasava o coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?". Levantaram-se na mesma hora e voltaram a Jerusalém. Aí acharam reunidos os Onze e os que com eles estavam. Todos diziam: "O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão". Eles, por sua parte, contaram o que lhes havia acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão"* (Lc 24,13-35).

Esta passagem nos permite refletir sobre a Eucaristia, tendo como eixo condutor o mistério pascal, e contém, veremos adiante, uma mensagem especial para o *Encontro Mundial da Renovação Carismática Católica*. "O ano 2000" – escreveu o Papa João Paulo II, na *Tertio millennio adveniente* – "será um ano intensamente eucarístico" (n. 55). Com este ensinamento e adoração que se seguirá, pretendemos nos unir ao restante da Igreja em homenagem à presença eucarística de Cristo em nosso meio.

Então, vamos primeiro refletir sobre a experiência dos dois discípulos e, em

seguida, sobre o que ela tem a nos dizer hoje.

Dois deles estavam a caminho

Recordemos o fato: dois homens caminham juntos; pela maneira como andam, pode-se perceber que não estão felizes. O rosto está abatido, os movimentos lentos, não se olham. De vez em quando, dizem algumas palavras, mas que não são direcionadas intencionalmente ao companheiro de viagem. Precisam retornar para casa, mas esta não existe mais. Eles simplesmente não têm para onde ir. O encontro com o homem de Nazaré tornara tudo novo em suas vidas; com Ele, passaram por poucas e boas. Agora tudo entrou em colapso, restando apenas a amargura de terem se enganado.

De repente, não há mais duas pessoas, mas sim três. Jesus se aproxima e caminha com eles, mas seus olhos são incapazes de reconhecê-lo. Os dois amigos não prestam mais atenção no caminho, mas voltam completamente o olhar para o forasteiro. À pergunta: "De que estais falando pelo caminho, e por que estais tristes?", segue-se uma longa história sobre o que aconteceu. Jesus os ouve e, em seguida, interpela-os:

> *E, começando por Moisés, percorrendo todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava dito em todas as Escrituras* (Lc 24,27).

Às vezes, ouvimos uma explicação que, de repente, nos dá a chave para entender uma questão que nos incomoda há anos. Ficamos sem palavras e, então, pensamos: "Era tão simples! Como eu não pensei nisso antes?". Assim deve ter acontecido naquele momento com os discípulos. O sentido das Escrituras, de todo o Antigo Testamento, estava subitamente lá, aberto e claro diante de seus olhos. Jesus "abriu suas mentes para o entendimento das Escrituras", como quando, na Física, fecha-se o circuito elétrico, produzindo uma luz intensa.

Foi a primeira interpretação cristológica das Escrituras. Não me surpreende que os dois discípulos tenham sentido o coração ardendo ao ouvi-lo. Se algo assim acontece, ainda hoje, ao se ler as Escrituras, imagine o que deve ter acontecido naquele instante em que foi o próprio Jesus quem explicou as profecias. Recentemente, vivi uma pequena experiência que me fez sentir como toda a Escritura realmente nos fala sobre Cristo. Na última semana do ano litúrgico, antes do advento, durante a missa, foram lidas passagens do profeta Daniel. Em um dos dias, foi a passagem que fala da sucessão de impérios humanos, com base em quatro seres que, por sua vez, devoram e esmagam tudo sob seus pés (um dos textos que Jesus certamente deve ter explicado aos dois discípulos de Emaús). Era uma sequência longa e violenta, que eu estava

ouvindo com uma sensação de opressão, quando uma súbita mudança de cenário aconteceu:

> *Olhando sempre a visão noturna, vi um ser, semelhante ao filho do homem, vir sobre as nuvens do céu: dirigiu-se para o lado do ancião, diante de quem foi conduzido. A ele foram dados império, glória e realeza, e todos os povos, todas as nações e os povos de todas as línguas serviram-no. Seu domínio será eterno, nunca cessará, e o seu reino jamais será destruído* (Dn 7,13-14).

Num instante, vi toda a grandiosidade do evento da encarnação de Cristo, todo o significado da vida de Jesus, o fato de Ele estar na história e acima dela, temporário e ao mesmo tempo eterno. Esse mesmo Jesus que, diante do Sinédrio, teria se identificado com o Filho do homem, o mesmo citado anteriormente pelo profeta Daniel. Senti uma profunda emoção atravessar meu peito; eu queria me levantar e gritar à comunidade em que eu estava celebrando: "Ouviram isso? Daniel fala de Jesus!". Foi como quando você vê seu herói favorito aparecer repentinamente em uma cena e quer gritar: Uhuu!

Este é apenas um exemplo dentre muitos. A Bíblia está cheia de palavras "explosivas" sobre Jesus. Recentemente, conheci uma música inglesa muito interessante, de origem evangélico-pentecostal. Resume-se nisto: em uma sequência musical, todos os 76 livros da Bíblia são rememorados e cada um destaca, com uma frase, a principal referência a Cristo:

> Em Gênesis, Ele é o cordeiro do sacrifício de Abraão.
>
> Em Êxodo, o cordeiro da Páscoa.
>
> Em Levítico, Ele é nosso sumo sacerdote.
>
> Nos Números, a nuvem de dia e a coluna de fogo à noite.
>
> Nos Salmos, Ele é meu pastor.
>
> No Cântico, o noivo radiante.
>
> Em Isaías, o servo sofredor.
>
> Em Mateus, é Cristo, o Filho do Deus vivo.
>
> Em Marcos, é o operador de milagres.
>
> Em Lucas, Ele é o Filho do Homem.
>
> Em João, é a porta pela qual devemos entrar.
>
> Em Romanos, Ele é quem nos justifica (perdoa).

No Apocalipse, regozija-te, Igreja, Ele é o Rei dos reis, o Senhor dos senhores.[1]

Este é o tipo de leitura da Bíblia que Jesus inaugurou naquele dia com os discípulos de Emaús. É chamada de “leitura espiritual” das Escrituras, o que não significa uma leitura puramente edificante, ou pior, arbitrária, mas uma leitura feita à luz do Espírito Santo, que a inspirou. Portanto, tem um precedente ilustre. Jamais, portanto, se deve renunciar a ela em nome de uma leitura puramente histórica e científica da Bíblia.

Eles o reconheceram ao partir o pão

Enquanto isso, conversa vai, conversa vem, eles chegaram à aldeia. Aproximaram-se de onde tinham de ficar e Jesus "fez como se quisesse passar adiante". Ele não finge (Jesus nunca finge!); Ele de fato deveria seguir adiante. Ele não tem tempo a perder; deve chegar "aos confins da terra". Ele para apenas porque alguém lhe diz com todo o coração: *"Fica conosco, já é tarde e já declina o dia"* (Lc 24,29).

Aconteceu que, estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho (Lc 24,30). A solenidade de cada gesto e a analogia que Jesus fez na Última Ceia não deixam dúvidas: para o evangelista, é um gesto eucarístico. A partir daí, de fato, a Eucaristia terá o nome de *fractio panis*, ou seja, o partir do pão.

Então, se lhes abriram os olhos e o reconheceram... mas ele desapareceu (Lc 24,31). Não surpreende que, quando Jesus apareceu após a ressurreição, os discípulos não o reconheceram em um primeiro momento. Ele não ressuscitou, por assim dizer, para trás, para a vida anterior, mas para frente, para uma nova vida. A pessoa é a mesma, mas seu estado mudou: não vive mais "segundo a carne", mas "segundo o Espírito". Ninguém tem dificuldade em reconhecer Lázaro ressuscitado, porque ressuscitou da primeira vida para viver na carne e morrer novamente. Jesus não se levanta e depois volta a morrer. Não é como quem atravessa um rio e depois volta para a costa de onde veio; ele passou literalmente para a outra margem.

No caso dos discípulos de Emaús, Lucas queria relatar algo a mais: o fato de que o verdadeiro Jesus agora se encontra em seu corpo eucarístico. Com suas "aparições", Jesus prepara seu "desaparecimento". Educa os discípulos a reconhecê-lo, com júbilo de fé, na Eucaristia, que é a nova maneira de se fazer "verdadeiramente" presente aos seus, "até os confins da terra".

Na manhã daquele domingo de Páscoa, Jesus aparece a Maria Madalena e lhe diz: "Mulher, por que choras?"; mas Ele é confundido com o jardineiro. Nesse momento, nada acontece e ela continua triste. Mas eis que Jesus pronuncia seu nome: "Maria!", e, de repente, é como se um véu fosse rasgado: *"Rabôni"* (cf. Jo 20,11ss). O mundo mudou. As lágrimas foram interrompidas e ela se pôs em marcha com o objetivo de relatar o ocorrido aos discípulos.

Alguns dias depois, enquanto os apóstolos estão pescando no lago, um homem surge na praia. Um diálogo remoto é estabelecido: "Amigos, não tendes

acaso alguma coisa para comer?", ao que eles respondem: "Não!". Tudo continua como antes. Mas aí surge uma centelha no coração de João e ele grita: "É o Senhor!". Então tudo muda, Pedro se joga no mar e todos se apressam em direção à praia (cf. Jo 21,4ss).

Algo semelhante ocorre no dia em que um cristão, depois de receber muitas e muitas vezes Jesus na Eucaristia, finalmente, por um dom de graça, "o reconhece", e passa de uma fé abstrata à presença real do Cristo na Eucaristia; é o que São Gregório chamou de "o sentimento vivo da presença real de Cristo". Nesse momento, é espontâneo exclamar: *"Aqui está quem é mais do que Salomão"* (Mt 12,42).

> *Levantaram-se na mesma hora e voltaram a Jerusalém. Aí acharam reunidos os Onze e os que com eles estavam. Todos diziam: "O Senhor ressuscitou verdadeiramente e apareceu a Simão". Eles, por sua parte, contaram o que lhes havia acontecido no caminho e como o tinham reconhecido ao partir o pão* (Lc 24,33-35).

Os dois não estão mais intimidados pelo fato de já ser "tarde". Eles correm de volta para Jerusalém. Conversando, recontando o fato. Eles foram regenerados por uma esperança viva desde a ressurreição de Cristo dentre os mortos (cf. 1Pd 1,3). O amor pela comunidade renasce, e surge a intensa necessidade de reencontrar-se com os outros crentes. O Mestre ressuscitou e com Ele também a vida ressuscitou. Dar testemunho não é mais uma obrigação; passa a ser uma necessidade.

Através desta breve história, São Lucas nos explicou, melhor do que com tratados complexos, como a Igreja de Cristo nasceu e como ela renasce a cada dia.

Fala conosco, Senhor!

Vamos, então, passar para a segunda parte, compreender o significado que o relato evangélico tem para nós. A história dos dois discípulos de Emaús é como uma parábola, pois contém uma palavra profética para a Renovação Carismática no momento de sua história. Confio a tarefa ao Espírito Santo para fazer com que você compreenda esse significado por conta própria, da mesma maneira que, como em um estalo, Ele me fez compreender. Na verdade, eu não creio que possa fazer isso simplesmente por meio de minhas palavras. Acontece que o clima da Renovação Carismática, em alguns lugares, se assemelha ao dos dois discípulos, no momento de se afastarem de Jerusalém. Existe um "Cléofas" escondido em cada um de nós. *"Nós esperávamos que fosse ele quem haveria de restaurar Israel"* (Lc 24,21a). Também esperávamos que a Renovação marcasse um período irreversível na vida da Igreja, que todos fossem atingidos pelo vento de Pentecostes. Em vez disso, vemo-nos reabsorvidos pela opacidade da vida diária. A oração, que foi uma alegria, torna-se um esforço; a comunhão com os irmãos passa a ser difícil; dificuldades e tentações que acreditávamos superadas para sempre voltam mais fortes do que antes. O entusiasmo pelo ecumenismo está enfraquecendo. As relações locais com a hierarquia continuam, às vezes, difíceis...

Não há necessidade de insistir, porque todo mundo, eu acho, pode elaborar uma imagem muito mais próxima da realidade do que eu. Claro que não quero generalizar, pois sei bem que isso é apenas um aspecto dentre vários outros; a realidade da Renovação Carismática, em muitos países, vive uma estação de grande florescimento e fervor.

Mas a tentação pode ser a mesma que os discípulos de Emaús tiveram: voltar para casa, para a aldeia, para as amizades e interesses do passado; para o modo de viver a fé como algo relacionado ao tempo. Quantas comunidades dispersas, quantas amizades destruídas. Nós chamamos de "acomodação", "inserção nas diferentes realidades" e "ministérios eclesiais" – e às vezes, graças a Deus, realmente é –, porém, na maioria dos casos, não é assim; é um abandono da Cruz, quiçá um desprezo pelo mundo.[2]

Jesus quer nos curar, trazer a esperança de volta, exatamente como Ele fez com os dois discípulos. Quer que compartilhemos toda a história, não apenas a primeira parte. Vamos para casa a partir deste encontro mundial como quando eles retornaram a Jerusalém, cheios de alegria. O caminho que devemos seguir,

para esse propósito, é o mesmo que Jesus fez os dois discípulos seguirem. Passa pela redescoberta da Palavra de Deus e da Eucaristia.

Comecemos pela Palavra de Deus. Nós experimentamos o poder desta Palavra. Não é para nós apenas um objeto de fé abstrata. As bíblias de muitos de nós estão cheias de anotações. Precisamos recordar que foi a Palavra que marcou o ponto da virada.

Precisamos encontrar o gosto, a paixão pela Palavra de Deus; torná-la alimento cotidiano e descobrir que a vida diária possui algo sagrado. Sem a Palavra que faz a chama arder no coração, você não pode fazer muito mais do que ir para casa, resignado, pensando que não há nada de novo sob o sol. Sem a Palavra de Deus, nossa vida tem pouco significado, pouca vitalidade, pouca energia. Sem a Palavra, você é um indivíduo que vive uma vida de pouca importância e morre uma morte de pouca importância.

Gostaria que deste nosso encontro assumíssemos o seguinte compromisso: "Fala conosco, Senhor! Volta para falar conosco, como nos tempos antigos. Somente tu tens palavras de vida eterna". *"Vossa palavra constitui minha alegria e as delícias do meu coração"* (Jr 15,16b).

Sabemos o que essas palavras de Jeremias significam. Poderíamos literalmente torná-las nossas, relembrando alguma experiência forte vivida por meio da Palavra de Deus. Digamos com o Salmo:

> *"Ó meu apoio, não fiqueis surdo à minha voz; não suceda que, vós não me ouvindo, eu me vá unir aos que desceram para o túmulo"* (Sl 27[28],1b).

Jesus ficou triste pelo fato de eles continuamente pedirem sinais; mas Ele nunca se sentia triste quando pediam para Ele falar. Nós também devemos pedir a Deus palavras, e não sinais.

Sinto necessidade de pedir perdão especial a Deus neste ano jubilar: perdão por todas as palavras que deixei se perderem, que ouvi com desatenção, que proclamei sem íntima participação, tratando simplesmente como palavras humanas. Lembremo-nos da pergunta que Deus se faz em Isaías: *"Para quem voltarei o meu olhar?"* – ao que responde: – *"É o angustiado que atrai meus olhares, o coração contrito que teme minha palavra"* (Is 66,2b). Temer a Palavra de Deus significa honrá-la, amá-la, desejá-la.

Em Jeremias, lemos esta recomendação para as pessoas que se exilam:

> *"Ergue sinais, coloca postes indicadores, olha bem o caminho, a senda que percorres. Volta, virgem de Israel, volta para tuas cidades"* (Jr 31,21a).

Um antigo padre comentou:

> Um viajante que começou a fazer uma jornada longa, quase impraticável e difícil, suspeitando que pudesse perder o caminho de volta, fixa sinais e indicações ao longo do caminho, facilitando, assim, o trajeto de retorno. Assim é o homem que progride na vida do Espírito, semeando palavras como referência que servirão de guia para novos caminhos.[3]

Se no passado também plantamos sinais indicativos, vamos encontrá-los, vamos trazê-los de volta à luz. Vamos pegar as palavras de Deus endereçadas a nós em algum momento do passado.

Digamos juntos, no final desta parte de nossa reflexão: “Fala, Senhor, que teu servo te escuta. Fala, Senhor, a Renovação Carismática Católica ouve você!”.

A Eucaristia

Os meios por excelência usados por Jesus para reacender a fé dos discípulos de Emaús – aquele a quem a mesma explicação das Escrituras deveria servir – era a Eucaristia. E hoje também é assim. Muitos irmãos da Renovação sentem necessidade de renovar seu Batismo no Espírito[4] e pedem para fazê-lo em diferentes circunstâncias. Eu acredito que a melhor maneira de renovar periodicamente nosso Batismo no Espírito é nos aproximarmos, com essa intenção, da Eucaristia. O Batismo é recebido na Igreja uma vez; a Eucaristia, no entanto, todas as vezes que queremos.

O que acontece na Eucaristia? Diz-nos o apóstolo Paulo: *"[...] quem se une ao Senhor torna-se com ele um só Espírito"* (1Cor 6,17). A força da comunhão eucarística reside bem aqui; nela nos tornamos um espírito com Jesus e esse "único Espírito" é o Espírito Santo! O sacramento reflete o que aconteceu na história. No momento do nascimento, é o Espírito Santo quem dá Cristo ao mundo (Maria concebeu, de fato, pela obra do Espírito Santo); no momento da morte, é Cristo quem dá ao mundo o Espírito Santo (morrendo, "exalou o Espírito"). Da mesma forma, na Eucaristia, através da consagração, o Espírito Santo nos dá Cristo; e, na Comunhão, Cristo nos dá o Espírito Santo.

Através da Comunhão, Jesus vem até nós como aquele que dá o Espírito. Não é como quem, um dia, há muito tempo, transmitiu o Espírito, mas como quem "agora" oferece seu sacrifício através do seu corpo e sangue no altar; novamente, "entrega o Espírito" (cf. Jo 19,30). Invocando o Espírito sobre os ossos secos, Ezequiel diz: *"Vem, espírito, dos quatro cantos do céu, sopra sobre esses mortos para que revivam"* (Ez 37,9). Já não dizemos: "Vieste dos quatro cantos", como se não soubéssemos de onde o Espírito está vindo agora. Digamos, então: "Vem, Espírito, do lado de Cristo trespassado na cruz! Vem da boca do Ressuscitado! Vem da Eucaristia".

A "efusão sóbria do Espírito" ocorre em torno da mesa eucarística. Comentando um texto do Cântico dos Cânticos, Santo Ambrósio escreveu: "Comi o meu pão com meu mel"; veja como não há amargura, mas apenas suavidade neste pão... "Bebi o meu vinho com meu leite" (cf. Ct 5,1); veja como é uma alegria livre de qualquer mancha... De fato, toda vez que você bebe, você recebe a remissão de pecados e fica espiritualmente embriagado. O apóstolo diz: *"Não vos embriagueis com vinho, que é uma fonte de devassidão, mas enchei-vos do Espírito"* (Ef 5,18); quem se embriaga de vinho vacila e pode até cair,

mas quem se embriaga com o Espírito está enraizado em Cristo. Uma embriaguez como essa é que produz a sobriedade do coração.[5]

Daí a famosa exclamação do próprio Santo Ambrósio, em seu hino ainda hoje recitado na Liturgia das Horas: "Bebamos com alegria a sóbria abundância do Espírito!" *(Laeti bibamus sobriam profusionem Spiritus)*. Aqueles que tiveram a sorte de estar na Praça São Pedro, no Pentecostes de 1975, no primeiro memorável encontro entre a Renovação Carismática Católica e o sucessor de Pedro, lembrarão das palavras que Paulo VI proferiu no final de seu discurso: "No hino que lemos esta manhã no breviário e que remonta a Santo Ambrósio, no século IV, há esta frase difícil de traduzir, embora muito simples: *Laeti*, que significa "com alegria"; *bibamus*, que significa "bebamos"; *sobriam*, que significa "bem definida e moderada"; *profusionem Spiritus*, ou seja, a "abundância do Espírito". *'Laeti bibamus sobriam profusionem Spiritus'*. Poderia ser o lema impresso em seu movimento: um programa e um reconhecimento do próprio movimento". Foi o primeiro "reconhecimento eclesiástico" da Renovação Carismática Católica. Alguns jornalistas equivocaram-se ao descrever o encontro, talvez acostumados a relatar ao público o ambiente das muitas discotecas em Rimini.[6] Nós não somos "milhares de pessoas delirantes", mas pessoas conscientes na sobriedade do Espírito; não estamos reunidos "para desafiar o anticristo", mas para ouvir e louvar a Jesus Cristo.

A embriaguez moderada não é apenas um tema poético, mas está cheia de significado e verdade. O efeito da intoxicação é sempre deixar o homem fora de si, além dos próprios limites. Contudo, enquanto na embriaguez material (vinho, drogas) o homem sai de si mesmo para viver "abaixo" do próprio nível racional, quase como animais, na embriaguez espiritual ele sai de si mesmo para viver "acima" da própria razão, na dimensão do horizonte de Deus. Essa embriaguez leva ao êxtase;[7] a outra, leva simplesmente ao *ecstasy.*[8]

Neste momento, trairia a amizade que tenho com os irmãos de outras igrejas cristãs (algumas representadas nesta reunião), se não lhes expressasse um pensamento em meu coração. Recebemos muito de vocês: estima e amor pela Palavra de Deus, abertura aos carismas... Isso nos dá coragem de dizer que também há algo católico que gostaríamos de compartilhar, oferecer como nosso presente: o amor pela Eucaristia. Não significa que todas as igrejas precisem expressar sua fé na presença eucarística de Jesus da mesma maneira que fazemos. Por exemplo, o culto eucarístico fora da missa, incluindo a adoração eucarística, é uma tradição católica que surgiu relativamente tarde. Não é exigido

de todos os cristãos. Ele compartilha a natureza deste carisma: *"... A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum"* (1Cor 12,7). É um presente para a Igreja pela edificação e utilidade de todas as igrejas. Como os ícones da Igreja Ortodoxa de que todos nos beneficiamos.

Dito isso, no entanto, é preciso lembrar que algumas igrejas cristãs devem dar especial atenção à Eucaristia e a sua teologia e prática. Em algumas, ela está quase completamente ausente ou muito marginal em relação à Palavra. Este é também (como as dificuldades relativas a Maria) um triste resultado de nossas divisões, pelas quais todos somos responsáveis, quer de um lado, quer de outro.

Em relação a esses irmãos, eu me sinto como um irmão, não como mestre: você encontra na teologia e na espiritualidade o que lhe é apropriado, e, acima de tudo, na Palavra de Deus, o desejo de descobrir sempre mais profundamente o que a Eucaristia representa para a vida cristã. A plena unidade dos cristãos só pode ser uma unidade eucarística:

> *"Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão"* (1Cor 10,17).

Apressemos o dia em que, sentados na mesma mesa, possamos reconhecer o Senhor na partilha do pão. O abençoado Padre Pio disse: "O mundo poderia existir mais facilmente sem o sol do que a Igreja sem a Eucaristia". Não foi um exagero.

Há algo que a Renovação Carismática Católica pode fazer para ajudar os irmãos de outras confissões a dar mais espaço à Eucaristia; esta é a melhor oportunidade para falar sobre isso. A RCC nasceu com um forte impulso para retornar ao essencial da vida cristã: o Espírito Santo, o senhorio de Cristo, a Palavra de Deus, os sacramentos, os carismas, a oração, a evangelização. Nisso estava o segredo de seu poder disruptivo. Voltando ao essencial, digamos a nossos irmãos: voltemos ao essencial! Por que sinto a necessidade de dizer isso? O Concílio Vaticano II iniciou um grande trabalho de limpeza e simplificação da fé católica. Em muitas coisas, por exemplo, na devoção a Nossa Senhora, ele tentou trazer os fiéis de volta a uma sobriedade perdida ao longo dos séculos, especialmente na era da Contrarreforma, devido à multiplicação de práticas devocionais.

Pouco a pouco vimos esse fruto do Concílio ser questionado na prática. Voltamos a insistir demais no que não é essencial. A RCC acabou também sendo apanhada nessa espiral, tanto que, em alguns ambientes, é frequentemente associada a devoções, aparições, pessoas e mensagens específicas. Alguns delas

são totalmente legítimas e um sinal de riqueza da Igreja Católica, mas devem ser mantidas em seu contexto apropriado, sem ser impostas a outros, sem querer mensurar a maior ou menor "catolicidade" da pessoa.

Focar no essencial não significa privar os fiéis de todo espaço de liberdade, de todas as preferências, nivelando tudo. Há espaço para cultivo da própria devoção particular, mas isso deve permanecer na esfera pessoal. Não devemos confundir o que é exigido de todos com o que é deixado à escolha de todos.

E eles voltaram para Jerusalém...

A história dos discípulos de Emaús é uma pequena obra-prima também do ponto de vista literário e poético. Dois caminhos, ambos terminando no Cenáculo, duas cenas externas seguidas por duas internas, movimento e silêncio alternando-se perfeitamente. Inicia-se com dois discípulos que partem, de cabeça baixa, de Jerusalém; e conclui-se com essas mesmas pessoas que correm alegres rumo a Jerusalém, gritando a todos que o Senhor estava vivo e que o reconheceram no momento em que partiu o pão.

O epílogo da história dos discípulos de Emaús também é uma profecia para a Renovação Carismática. É um convite para quem se apaixonou por seus irmãos; é um convite do Espírito aos desapontados e desanimados para que invertam o caminho. Voltar com ímpeto renovado para servir a Deus na Igreja, reunir-se com irmãos com os quais eles compartilharam um trecho da estrada, a fim de reconstituir, sempre que possível, comunidades, colaborações e amizades interrompidas.

Apesar da impressão generalizada de um declínio no entusiasmo, uma coisa, felizmente para nós, continua a ser a mesma, agora como nos primeiros dias da Renovação Carismática: o poder do Espírito Santo. *O braço do Senhor não foi encurtado* (Nm 11,23). Vemos agora produzir, naqueles que entram em contato com Ele pela primeira vez, os mesmos efeitos de antes. Sempre que permitimos que Ele aja, criamos ocasiões para sua vinda, que com fé expectante reúne pessoas no Cenáculo; Ele desce, ora de maneira visível e dramática, ora de maneira mais oculta e progressiva. Eu também o encontrei recentemente. A cada vez é um mundo novo que se abre diante da pessoa.

Sinal visível da passagem do Espírito é geralmente o renascimento da coragem, da esperança e da alegria. A Renovação Carismática também foi vista pela opinião pública como um movimento de pessoas alegres, que levantam ou batem palmas, que sorriem com o rosto transfigurado e quase extasiado. Não foi uma percepção errada. De fato, a alegria é um dos sinais ou frutos do Espírito. Vamos tentar cultivar esses sinais.

Que o Espírito Santo nos ajude a trazer intacta conosco, no milênio que acaba de começar, a chama de Pentecostes, para que ainda possa transformar a vida de muitos homens e mulheres de nosso tempo. Nossa peregrinação jubilar a Roma, após esta reunião em Rimini, foi o retorno dos dois discípulos de Emaús a Jerusalém: o sinal da vontade de nos colocarmos novamente com renovado

entusiasmo a serviço da Igreja e do Espírito, o começo de um novo impulso de evangelização.

Gritemos, também nós, como os discípulos de Emaús; gritemos entre nós para depois gritar ao mundo: “O Senhor ressuscitou verdadeiramente! Nós o reconhecemos no partir do pão”.

[1] C. KIRKLAND. *Name above all names.* Integrity's Hosanna Music, ASCAP, 1993.

[2] No original, "è abbandono della corsa, risucchio del mondo". [ndt]

[3] ESICHIO PRESBITERO. *A Teodulo,* in *Filocalia*, I, Gribaudi, Torino 1982, p. 255.

[4] A expressão "Batismo no Espírito", usada na RCC, é conhecida também como "derramamento do Espírito Santo". As duas expressões são equivalentes e referem-se à experiência consciente da graça já recebida com o Batismo e com os outros sacramentos. A ação promove a recuperação dos efeitos sacramentais próprios da iniciação cristã e prepara para acolher os dons e carismas que o Espírito Santo concede não apenas através do caminho sacramental comum. [ndr/ndt]

[5] SANTO AMBRÓSIO. *Sui sacramenti*, V, 17 (PL 16, 449s.).

[6] Rimini é uma cidade italiana conhecida por contar com inúmeras discotecas junto à praia e pelas águas de pouca profundidade, o que atrai turistas – principalmente jovens – à região. [ndt]

[7] Estado em que se é transportado para fora de si e do mundo sensível. [ndt]

[8] Trata-se de *metilenodioximetanfetamina*, substância psicotrópica popularmente conhecida como *ecstasy*. Seus efeitos são aumento da empatia, estado de euforia e sensação de prazer. [ndt]

Sumário

1. Página de créditos
2. Apresentação
3. Introdução
4. Dois deles estavam a caminho
5. Eles o reconheceram ao partir o pão
6. Fala conosco, Senhor!
7. A Eucaristia
8. E eles voltaram para Jerusalém...